



## A Temporalidade Múltipla no Webjornalismo<sup>1</sup>

Carlos Eduardo FRANCISCATO<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Sergipe

### Resumo

Este *paper* investiga de que modo o webjornalismo tem possibilitado uma experiência mais rica de temporalidade em relação aos veículos jornalísticos tradicionais. É nesta nova forma de produção jornalística, inserida em um ambiente comunicacional digital e em rede, que se visualiza a possibilidade de co-existência de tempos múltiplos. A partir de uma abordagem sociológica sobre o ‘tempo social’, procuramos desenvolver uma formulação, de natureza teórica, sobre as variedades de temporalidades produzidas no webjornalismo.

**Palavras-chave:** Teorias do Jornalismo; Tempo social; Webjornalismo; Tempo das mídias.

### Introdução

Cada vez mais, as mídias oferecem aos indivíduos a possibilidade de uma experiência múltipla do tempo. Isto, de certo modo, indica um movimento diverso ao da uniformização do tempo que teve força estruturante das relações sociais nos séculos XVIII e XIX, quando diversas inovações tecnológicas que permitiram experiências de instantaneidade e sincronicidade das ações e revelações.

O objetivo do trabalho é tentar desenvolver uma construção conceitual que investigue e esclareça a fecundidade de se considerar que as transformações nas experiências temporais da sociedade em consequência da presença da mídia e, em particular, do jornalismo indicam o reforço de uma forma específica de experiência do tempo social, que podemos delimitar como a existência de tempos múltiplos. Para isto, procuraremos concentrar nossa análise sobre as mudanças pelas quais o jornalismo vem passando com a sua inclusão em um novo ambiente comunicacional, as redes online, calcadas em um reforço do suporte tecnológico aliado a uma reconfiguração de práticas, conteúdos, gramáticas e penetração social.

Este trabalho foi desenvolvido na forma de uma discussão teórica, de base bibliográfica, com a finalidade de indicar novas aproximações e convergências para entender a temporalidade do jornalismo, aplicando a análise sobre uma realidade específica. A categoria analítica central da investigação será o tempo social. Trataremos,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal de Sergipe. Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Jornalista.



neste trabalho, o tempo como um fenômeno social. O foco é entender o tempo como uma relação social, uma objetivação de práticas e sentidos predominantemente construída a partir de processos sociais institucionais, considerando em particular a mídia, sua atuação na sociedade e sua relação com experiências individuais do tempo.

### **1) Uma caracterização do tempo social**

A intenção de falarmos aqui sobre um 'tempo social' enquanto um fenômeno específico é consequência da percepção de que a temporalidade jornalística, ao se constituir em uma rede de relações imersas no presente e, ao mesmo tempo, constituir relações com sentido temporal de presente, está ligada a duas ordens de fenômenos sociais: por um lado, a prática jornalística atua como mediadora e articuladora de uma série de relações sociais em processos macro-sociais (processos discursivos no espaço público, racionalidade da produção e do mercado, recursos tecnológicos), auxiliando sua institucionalização num tempo e num espaço particulares.

Por outro lado, a temporalidade jornalística ganha especificidade na prática social e cultural própria da instituição jornalística. A atividade jornalística está vinculada a uma organização institucional, sendo desenvolvida por um corpo técnico especializado que segue regras e normas éticas e profissionais que especificam seu papel social e delimitam critérios de qualidade do produto.

No campo das Ciências Sociais, estudos em uma 'sociologia do tempo' têm sido realizados principalmente a partir de estudos de Durkheim (1965), desenvolvidos posteriormente por Sorokin e Merton (1937), focalizando sobre as funções integrativas das normas temporais. Adotamos que o tempo social é uma construção sócio-histórica decorrente do estabelecimento de relações em uma dimensão material (como as relações de mercado e a produção industrial) e em uma dimensão simbólica (como as relações culturais), que são partilhadas por indivíduos e grupos sociais. Esta intersubjetividade faz do tempo social um aspecto qualitativo da vida, variável conforme ritmos sociais.

Sendo uma construção simbólica que se articula a uma dimensão material, o tempo social se institucionaliza em práticas e dispositivos reguladores sociais. Em consequência disso, recorreremos à perspectiva histórica de Elias para afirmar que o tempo não é uma 'coisa', mas uma relação. Mais especificamente, para Elias, o tempo tornou-se a "representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúne diversas seqüências de caráter individual, social ou puramente físico" (1998: 17), sendo esta "rede de relações" que possibilita que um sentido de tempo presente possa ser captado a



partir de um fluxo incessante de tempo (1998: 47). O autor considera que as relações temporais têm "níveis múltiplos e grande complexidade" e propõe estudar o tempo como uma "...rede de relações, amiúde muito complexa, e que a determinação do tempo representa, em essência, uma síntese, uma atividade de integração" (1998: 47).

## **1) A mídia e a uniformização do tempo social**

### **1.a) Tecnologias e seus efeitos sobre a construção social do tempo**

Ao particularizarmos a abordagem do tempo à perspectiva de que ele é construído em uma relação social, estamos valorizando que o tempo social surge e se objetifica (corporifica) em relações sociais que produzem ou interagem com referências temporais, como as escalas de medida temporal, definidas socialmente a partir de condições materiais e históricas.

O desenvolvimento de novas técnicas de produção e organização social durante as revoluções científica e industrial nos séculos XVII a XIX sedimentou um conjunto de transformações nas sociedades ocidentais, com repercussão direta sobre o controle e a manipulação do tempo. Um importante invento foi o relógio mecânico no século XVII, que introduziu uma maior precisão na medição mecânica do tempo e acabou por levar ao reconhecimento da importância da mensuração precisa na ciência e na tecnologia em geral, introduzindo uma "idéia moderna de tempo" (Whitrow, 1993, p. 145) marcada pela sincronicidade entre a experiência individual da temporalidade e o tempo regido de modo uniforme pelas instituições sociais (fábricas, escolas, hospitais, transporte coletivo e seu quadro de horários etc).

A revolução nos sistemas de transporte e de transmissão de informações ampliou a velocidade e a quantidade de dados em circulação, bem como introduziu novas possibilidades de sua transmissão. Neste grupo encontram-se tanto o aperfeiçoamento do serviço de correios, das linhas férreas e estradas quanto a introdução do telégrafo e, posteriormente, do telefone. Os efeitos destas inovações tecnológicas sobre a temporalidade jornalística podem ser percebidos ao considerarmos três aspectos: os efeitos da tecnologia sobre a transmissão de conteúdos jornalísticos (em matéria-prima ou já transformados em relatos jornalísticos); os efeitos sobre os modos de produção da notícia enquanto uma organização complexa e multifuncional; e os efeitos diretos sobre as capacidades, habilidades e possibilidades do jornalista em manejar esta tecnologia no seu cotidiano.



### **1.b) A construção de um sentido de tempo presente**

Uma das formas de uniformização do tempo social se caracterizou pelo reforço de uma dimensão comum de vivência do tempo, uma dimensão cultural em que um sentido de tempo presente ganha manifestação técnica, sócio-cultural e estética, conforme analisamos em outro trabalho (Franciscato, 2005). Stephen Kern (1983) observa a passagem dos séculos XIX e XX na Europa Ocidental para ressaltar não tanto o entusiasmo e o culto à novidade como fator cultural de construção de um sentido de presente, já manifesto a partir do século XVIII, mas sim como esta expectativa recebe um incremento devido ao surgimento de novas relações sociais de simultaneidade.

Os debates da época sobre o que caracterizava o tempo presente levantavam duas questões básicas: se a experiência social do presente significava vivenciar uma seqüência de eventos locais simples ou uma simultaneidade de eventos distantes e múltiplos; e se o presente seria uma unidade infinitesimal de tempo entre passado ou futuro ou teria uma duração mais ampliada. Um fator social de largo impacto no final do século XIX foi a introdução de um padrão de tempo uniforme em nível mundial, afetando atividades tão díspares quanto comunicação, indústria e mesmo guerras, pelo controle da pontualidade e padronização de instrumentos de medição do tempo (Whitrow, 1993, p. 185).

Experiências de simultaneidade e outras de expansão temporal do presente para incluir nele também um passado ou um futuro imediatos estimularam Kern a compreender um fenômeno temporal correlato: um 'adensamento' do presente (ou 'presente densificado' - "*thickened present*") em decorrência desta ampliação de elementos diversos na experiência cotidiana do 'aqui e agora'. David Harvey relaciona este processo a transformações econômicas e políticas ocorridas a partir da metade do século XIX, que ele denomina de uma 'rápida fase de compressão do tempo-espaço'. "O espaço europeu tornava-se mais unificado precisamente por causa do internacionalismo do poder do dinheiro" (Harvey, 1993, p. 227-238).

### **1.c) Experiências midiáticas de construção social do tempo**

A questão é, então, discutir em que medida a presença da estrutura midiática amplia, diversifica ou densifica a experiência temporal da sociedade contemporânea. Para Sfez, o "tempo das mídias" é um fluxo contínuo de ondas, vozes, imagens, e este movimento veloz traz uma experiência mediada com o tempo presente. Ao mesmo tempo, a mediação impede a experiência direta com o presente, com o tempo do real.



“O tempo das mídias é, contrariamente ao que se pensa, ‘a’ ou ‘antitemporal’, ele é ‘a’ ou ‘anti-presencial’” (2008, p. 12). Esta atemporalidade se manifestaria por estratégias e gramáticas midiáticas de produzir conteúdos sobre temas e formas que se repetem. O tempo da mídia seria um contínuo repetitivo, que pode ser dilatado ou reduzido dependendo da manutenção de um mesmo assunto em veiculação.

Este modo como a estrutura das mídias reconfigura o tempo social e, no caso de Sfez, criando um fluxo que altera outras temporalidades sociais ganha nova dimensão com as redes telemáticas. Na visão de Castells, as redes levam à geração de uma nova temporalidade, ou de uma suposta 'ausência' de temporalidade, que o autor denomina 'tempo intemporal'. Esta nova situação seria consequência direta de dois fenômenos: o modo de comunicação por redes possibilitaria uma transmissão instantânea de dados sem intervalo temporal entre o envio e o recebimento (a 'instantaneidade'); e esta transmissão ou troca de dados não dependeria de uma seqüência linear cuja leitura ou envio teriam de ser feitos por um determinado percurso demandando certo tempo.

Aqui, tanto no argumento de Sfez quanto de Castells há uma intenção de rompimento com um modelo de tempo cronológico e uniforme típico do tempo mecanicista, que tem como uma de suas manifestações mais paradigmáticas as linhas de montagem e os controles de ritmos de produção característicos das sociedades industriais. Na avaliação do autor, esta nova temporalidade seria uma transformação profunda na experiência temporal da sociedade, em consequência das novas tecnologias da informação presentes na estrutura da sociedade em rede, criando uma sensação de libertação em relação ao modelo de regulação do tempo na produção e nas relações sociais (Castells, 2001, p. 460).

Castells exemplifica que as mídias, particularmente as digitais *online*, teriam a capacidade de romper com a seqüencialidade da exposição e transportaria a capacidade de leitura e 'edição' de conteúdos para o 'leitor'/consumidor:

A intemporalidade do hipertexto de multimídia é uma característica decisiva de nossa cultura, modelando as mentes e memórias das crianças educadas no novo contexto cultural. (...) Com isso, toda a ordenação dos eventos significativos perde seu ritmo cronológico interno e fica organizada em seqüências temporais condicionadas ao contexto social de sua utilização. Portanto, é simultaneamente uma cultura do eterno e do efêmero (Castells, 2001, p. 487).

## **2) A mídia e a multiplicação do tempo social**



Entendemos que a abordagem de Castells procura sintetizar em um conceito novo - 'tempo intemporal' - duas ordens de fenômenos diferenciados: o primeiro é decorrente da instantaneidade de transmissão de informações por meio das estruturas de redes e a capacidade de permitir que atores (individuais e institucionais) entrem em interação e possam agir em simultaneidade de tempo. O segundo fenômeno seria o rompimento da seqüencialidade da leitura por meio de recursos de construção textual como o 'hipertexto'. Se no primeiro aspecto há uma visível afirmação do tempo presente como o tempo da interação, não nos parece que o segundo aspecto, ao possibilitar uma quebra de um padrão de ordenação das experiências na temporalidade linear das seqüências, crie um "tempo não diferenciado, o que equivale à eternidade".

Podemos, talvez, considerar mais próprio que esta quebra gere uma 'confusão sistêmica na ordem seqüencial dos fenômenos' (Castells, 2001, p. 489), mas estes somente serão destituídos de sua temporalidade original (a temporalidade impressa nos eventos jornalísticos, por exemplo) se a confusão se estender ao leitor, à sua eventual incapacidade de ordenar racional e causalmente a colagem de eventos 'hipertextuais' que construirá. Consideramos, isto sim, que esta reordenação de textos e conteúdos possibilita ao leitor construir uma pluralidade de tempos sociais ou pelo menos experimentar os tempos sociais existentes de uma forma singular e criativa, inserindo-os dentro de uma nova lógica, mais particular sua e não imposta pelo produtor, o que não significaria necessariamente uma anulação da temporalidade conforme a expressão 'tempo intemporal' induz.

A perspectiva de multiplicidade e co-existência de tempos sociais tem sido considerada por autores no campo da teoria social. Em Giddens, uma melhor compreensão das práticas sociais implica em entender a sua dimensão institucional e a sua temporalidade. As práticas sociais se tornam 'instituições', para o autor, se elas se alastrarem por diferentes espaços e tempos de interação social (1989, p. 14). Ao mesmo tempo, elas se concretizam em três diferentes dimensões de temporalidade: 1) a *durée* da experiência cotidiana; 2) o tempo de vida do indivíduo; e 3) a *longue durée* de instituições. Embora Giddens acentue a importância das rotinas da vida diária, particularmente o seu caráter repetitivo e de contínuo retorno, sua abordagem enfatiza a relação entre as rotinas da vida social cotidiana e as formas institucionais de organização social, em que "cada uma participa na constituição da outra" (1989, p. 28). Portanto, a temporalidade das práticas humanas é expressa na interpolação mútua dessas três dimensões (1989: 29).



Georges Gurvitch (1990) considera que o tempo social varia conforme diferentes níveis de profundidade e de extensão (micro ou macro sociais) que se interpenetram. O autor montou uma classificação com oito tipos de 'tempos sociais'<sup>3</sup>: 1) o tempo resistente, em que o passado persiste e é projetado sobre o presente e o futuro; 2) tempo decepcionante, em que predominam durações aparentemente longas (continuidades), as quais são rompidas bruscamente, com mudanças explosivas e imprevistas; 3) o tempo errático, caracterizado por uma irregularidade de pulsação e ritmos entre o aparecer e o desaparecer; 4) tempo cíclico, em que há uma tendência de continuidade e circulação em torno de uma mesma referência temporal que vai além do passado, presente e futuro, sendo semelhante a uma idéia de eternidade; 5) tempo retardado, em que fatores estáveis passados permanecem em atividade por um tempo demasiadamente longo, havendo uma tendência à preservação de valores e símbolos em oposição à renovação; 6) tempo alternado, em que há uma alternância entre processos de atraso e de aceleração, e a descontinuidade é maior do que a continuidade; 7) Tempo em antecipação, em que os processos temporais se aceleram, típicos de irrupções e descontinuidades nos quais o futuro se torna presente; e 8) tempo explosivo, em que o presente e o passado são dissolvidos na criação de um futuro imediatamente transcendente.

A tipologia de Gurvitch vem a reforçar as descrições já apresentadas sobre a constituição da temporalidade considerando o contexto histórico de desenvolvimento tecnológico e sócio-cultural e, particularmente, a estruturação do sistema de mídia. Se por um lado constituiu-se, nos séculos XVIII e XIX, um movimento de objetificação e normatização do tempo visando a dar-lhe uma uniformidade e regulação pública, caracterizado pela sincronicidade das ações, o século XX vai criar condições para que a experiência do tempo social seja “qualitativamente heterogênea” (Nowotny, 1992, p. 422) em vez de um fluxo uniforme.

A realização de estudos empíricos tem indicado objetos privilegiados para a análise do tempo social, tais como: tecnologias de aceleração de relações sociais, como os sistemas de transporte e de comunicação (telégrafo e o telefone), as organizações e sua racionalização do tempo, os fluxos econômicos internacionais baseados em uma gestão do tempo, as referências temporais construídas na vida cotidiana e sua interação com aspectos individuais da apreensão do tempo, caracterização e duração dos eventos.

---

<sup>3</sup> Optou-se pela tradução literal das terminologias em língua inglesa, embora as novas expressões percam um pouco de precisão em relação à idéia proposta pelo autor.

O sistema midiático incorpora estas transformações, gera potencializações e novas configurações, que se desdobram em novas linguagens, formatos, conteúdos e mídias. Virilio (1993) estabelece uma relação estreita entre velocidade e imagem para criar a definição de um 'tempo de exposição'. Em sua tese, a velocidade é um fenômeno estruturante do físico e do simbólico, formada a partir de condições tecnológicas (particularmente os sistemas eletrônicos e telemáticos da produção e disseminação de conteúdos) para redefinir os sentidos de tempo e espaço.

Em conseqüência, o autor qualifica a velocidade de "grandeza primitiva" (p. 13), "único vetor da representação eletrônica" (p. 27) e "espaço primitivo, padrão de todo dimensionamento" (p. 76). A velocidade seria uma dimensão espaço-temporal própria para a 'representação ótico-eletrônica do mundo" (p. 33) e daria "forma às imagens" (p. 94). Portanto, entender a produção e a circulação de imagens em uma sociedade trespassada por redes eletrônicas e telemáticas exigiria experimentar esta temporalidade denominada de 'tempo de exposição', em que a imagem (fotográfica, cinematográfica e infográfica) é capturada e apresentada em processos com tempo de resposta quase instantâneo (1993, p. 59).

### **3) Mudanças no jornalismo e na sua operação do tempo**

A proposta de aplicar o tempo social como categoria analítica adequada para considerar as transformações do jornalismo passam pela aceitação da perspectiva de que uma multiplicidade de tempos sendo produzidos e reforçados pelas práticas comunicacionais contemporâneas. Ao adotarmos esta estratégia de estudo, estamos conscientes das diferenças de abordagens sociológicas do estudo do tempo.

Helga Nowotny salienta três estratégias de análise do tempo pela teoria social: 1) a teoria social pode localizar a existência de um tempo '*sui generis*' enquanto se desvia do problema de sua especificação; 2) pode justapor o tempo cronológico a várias formas de tempo social, considerando a primeira a mais 'natural' e a demais como percepções subjetivas do tempo; 3) pode se sentir livre para localizar a existência de uma pluralidade de tempos, incluindo uma pluralidade de tempos sociais (Nowotny, 1992, p. 427-9).

A terceira perspectiva, de considerar a pluralidade de tempos sociais em coexistência no ambiente midiático e, particularmente, no webjornalismo, pode ser melhor desenvolvida retomando a tipologia proposta por Gurvitch. Ao analisarmos o jornalismo online, as mudanças qualitativas de seu produto e seus efeitos sobre a temporalidade



jornalística, não estamos descartando que estes específicos fenômenos temporais possam estar presentes nas modalidades tradicionais de jornalismo (como no impresso e nas mídias radio e telejornalísticas). Concordamos com Fidler (1998) que os sistemas de mídia tentem mais a transformações e desdobramentos do que a irrupções de formas totalmente novas. Mas, ao nos determos sobre o webjornalismo, acreditamos localizar nesta forma de fazer jornalismo especificidades que indicam potencializações e rupturas (Palacios, 2003).

A partir de Gurvitch (1990), podemos considerar que o tempo social no webjornalismo varia conforme diferentes níveis de profundidade e extensão entre experiências temporais que se interpenetram. Vejamos como retomar a classificação de Gurvitch sobre os tempos sociais e desenvolvê-la no webjornalismo:

### **3.1) Tempo resistente - o passado é projetado sobre o presente e o futuro**

A proposta de Gurvitch enfatiza um tipo de tempo social constituído por um passado que tende a resistir às mudanças em curso pelo presente e pelo futuro. No jornalismo online, podemos salientar duas formas de constituição de temporalidade em que o passado tem proeminência na constituição da experiência temporal: a primeira reflete a presença de modos de valorar o conteúdo e de fazer que possuem vínculos a tradições anteriores à Internet.

O webjornalismo repete, em larga margem, os critérios de noticiabilidade existentes no jornalismo tradicional. Estas visões são resistentes à mudança, elas estão impressas na construção histórica da atividade jornalística, estão presentes em valores e se manifestam na operacionalização destes. O webjornalismo baseia-se nestes valores estáveis, sócio-culturais que a comunidade jornalística tem sobre o mundo e sobre sua forma de construir narrativas sobre o mundo. Assim, a fragmentação factual, com o fatiamento dos eventos em unidades temporais mínimas e sucessivas, tão impregnada no estilo jornalístico, permanece como modo de escrita do webjornalismo.

Uma segunda forma de perceber a produção de um tipo específico de tempo social com fortes vínculos ao passado revela-se na forma como o webjornalismo reconstrói a memória social (Palacios, 2003). Com a disponibilização de novos e antigos conteúdos jornalísticos online, acessíveis por meio de bancos de dados, o webjornalismo possibilita uma experiência de reconstrução da memória, por meio da recuperação de informações, enquadramentos e modos de interpretação do mundo.



### **3.2) Tempo surpresa - predominam durações aparentemente longas (continuidades), rompidas bruscamente, com mudanças explosivas e imprevistas**

Aqui, estamos evitando usar a tradução literal da expressão utilizada por Gurvitch ('tempo decepcionante'), pois consideramos que o termo 'tempo surpresa' marca mais adequadamente o caráter de irrupção e de alteração radical de um cenário estável.

O webjornalismo cria condições potenciais para uma articulação entre temporalidades que seriam opostas: de um lado, a cobertura noticiosa estável, rotineira, característica do 'tempo resistente'; de outro, a facilidade para a instantaneidade de produção e publicação, para fazer irromper o imprevisto e na capacidade operacional que o sistema tem de atualizar as páginas quase imediatamente, com estruturas e comandos pré-programados.

Isto permite fazer o site jornalístico ser este aparente paradoxo de duas construções temporais: a representação do cotidiano do mundo, com seu caráter de familiaridade e repetição, e a iminente possibilidade de mudança desta representação na tela do computador, devido à facilidade tecnológica de remontagem da página, de inserção de chamadas sobre notícias urgentes mesmo antes de a cobertura jornalística estar realizada.

### **3.3) Tempo errático - irregularidade de pulsação e ritmos entre o aparecer e o desaparecer**

Esta temporalidade se manifesta pela capacidade que as mídias jornalísticas online têm de ampliar a dimensão da experiência do presente: "o presente aparece para prevalecer sobre o passado e o futuro" (Gurvitch, 1990, p. 71). Um primeiro aspecto acentuado pelas ferramentas webjornalísticas é a edição dinâmica das páginas. Os recursos de edição têm possibilitado o aumento do número de chamadas na página principal do *site* jornalístico e de sua atualização.

Isto tem constituído um novo equilíbrio instável entre os fatos e sua temporalidade na tela do computador. Multiplicam-se acontecimentos jornalísticos com temporalidades diferentes, e a edição opera esta irregularidade para dar ritmo ao próprio conteúdo jornalístico. Este ritmo pulsante é o ponto de coesão de uma página de jornal: alternam-se temporalidades de eventos, velocidades diferentes de produção destes relatos, mas há um sentimento de harmonia, um esforço da organização jornalística em criar uma 'polifonia de vozes' para tentar superar as dissonâncias temporais e construir



um discurso que articulará e minimizará diferenças, fragmentará e re-arranjará conteúdos para conseguir, a partir de uma referência temporal do presente, uma harmonia mínima no seu produto.

Esta ‘irregularidade de pulsação e ritmos’ que dão proeminência à irrupção de experiências temporais do presente se acentua com uma dimensão interacional própria da Internet, a presença dos usuários como co-produtores de conteúdos. Conforme salientamos em outro trabalho (Franciscato, 2007), com o crescimento na participação dos leitores/usuários, seja na construção da arquitetura ou dos conteúdos da rede, seja na orientação desta arquitetura ou conteúdo aos interesses destes, entendemos haver um reforço na construção de uma temporalidade do presente marcada pelas práticas enunciativas tanto dos produtores de informação quanto dos próprios leitores.

Além destes dois aspectos, devemos salientar que as mudanças das práticas jornalísticas expressas atualmente pelo termo ‘jornalismo multimídia’ (DEUZE, 2004), que alia uma mudança estrutural das organizações (a convergência) e uma mudança nas práticas cotidianas do jornalista (como profissional multitarefa), acentua esta dimensão de temporalidade social. Estes dois pólos tensionam a atividade jornalística para incorporar e diversificar linguagens, suportes e públicos, indicando ao jornalismo o desenvolvimento de uma habilidade de executar tarefas e habilidades diferenciadas e simultâneas. A temporalidade social do jornalismo, neste caso, ganha acento em decorrência de uma temporalidade do agir humano, que é focada no tempo presente.

### **3.4) Tempo cíclico - tendência de continuidade e circulação em torno de uma mesma referência temporal**

Em Gurvitch (1990), esta referência temporal refere-se a uma idéia transcendente, não a uma temporalidade do passado, presente ou futuro, assemelhando-se a uma idéia religiosa de eternidade. Poderíamos depreender desta consideração a necessidade de localizar a temporalidade para além de uma referência fixa em um determinado tempo histórico. E o autor localiza na religião esta forma que, se por um lado é histórica, busca sedimentar-se na produção de preceitos a-temporais (eternos).

Parece um contra-senso identificar este tipo de forma temporal em um modo de produção jornalística tão afetado por processos contemporâneos de inovação tecnológica e social. Ao mesmo tempo, cremos que tal abordagem pode encontrar algum paralelo às abordagens de Fidler (1998) em seu conceito de “*mediamorfosis*”, ao salientar que, mais do que uma transformação específica, o eixo de forças que definem



os novos mídias está localizado em um processo de mutação que é intrínseco ao sistema de mídia, e não criado nesta fase do desenvolvimento midiático:

Ao estudar o sistema de comunicação como um todo, veremos que os novos meios não surgem por geração espontânea nem independentemente. Aparecem gradualmente, pela metamorfose dos meios antigos. E quando emergem novas formas dos meios de comunicação, as formas antigas geralmente não morrem, senão que continuam evoluindo e se adaptando. (Fidler, 1998, p. 57)

A lógica de mudança, então, que permanece para além da fixidez no passado é o próprio movimento de metamorfose dos meios, inerente ao sistema de mídia. Este movimento é conduzido por forças oriundas de processos sociais amplos e históricos que atravessam formas específicas de instituições e que constituem os princípios organizativos de uma sociedade, tais como a construção e transmissão da cultura, as relações econômicas (o mercado como regulador da circulação), as formas de ação política e as transformações tecnológicas (Franciscato, 2005, p. 167).

### **3.5) Tempo retardado - fatores estáveis passados permanecem em atividade por um tempo demasiadamente longo, com tendência à preservação de valores e símbolos em oposição à renovação**

Esta temporalidade seria mais característica dos “grupos fechados” ou aqueles em que a admissão é difícil, segundo Gurvitch (1990, p. 71-72). O autor os considera típicos de grupos sociais em que a preservação ou dificuldade de acesso gera um poder simbólico, válido tanto para títulos de nobreza quanto para titulação e posição acadêmica. Nesta situação, o tempo social se define pela tentativa de impedir a mudança e a renovação.

Este tipo de temporalidade parece ter estado mais presente nos primeiros anos de desenvolvimento do webjornalismo, não por aquilo que a nova modalidade jornalística se propunha, mas pela reatividade às suas potencialidades e inovações, principalmente dentro do próprio campo do jornalismo. Os primeiros anos da história do webjornalismo são representativos do sentimento de desconfiança com relação ao novo ambiente jornalístico por parte de uma parcela de jornalistas e empresários de comunicação, desconfiança que se manifestou, em alguns casos, pela incorporação tímida das novas ferramentas e publicadores. Esta reação preservava, indiretamente, as características temporais do jornalismo tradicional, como o ciclo da periodicidade diária.

### **3.6) Tempo alternado - alternância entre processos de atraso e de aceleração, e a descontinuidade é maior do que a continuidade**

Gurvitch localiza que, neste tipo de tempo social o “atraso e avanço lutam incessantemente” (1990, p. 72). A dimensão mercadológica da mídia, construída com base em um modelo de jornalismo para o mercado, está em confronto com as formas de acesso livre de conteúdo disseminadas na web. Artigo de Isaacson (2009), ex-editor da revista *Times*, problematiza um aparente paradoxo na atividade jornalística: há um aumento de leitores de conteúdos jornalísticos, principalmente em decorrência das novas tecnologias, mas vem ocorrendo também uma perda de rentabilidade do setor, o que tem ameaçado (e mesmo levado ao fechamento) tradicionais empresas jornalísticas.

O ‘atraso’, neste caso, é o modelo comercial de negócios que se cristalizou no Ocidente a partir do século XIX. Podemos localizar na *penny press* nos Estados Unidos (Schudson, 1978) um modelo que iluminou o ‘negócio’ jornalístico, baseado no tripé venda em bancas, assinatura e publicidade. O avanço que os modelos de ‘*open source*’ tem oferecido ao jornalismo desafia os padrões e rotinas das empresas, com sua gestão industrial do mundo do trabalho e das modalidades de tempo que se desdobram.

Pensar em webjornalismo com múltiplas e crescentes formas de entrada e navegação, tanto por leitores quanto por produtores da informação, altera este modelo tradicional de gestão. Novos ciclos se estabelecem, temporais inclusive, fruto de uma maior aproximação entre leitor e produtor em modelos como o jornalismo participativo (Fonseca e Lindeman, 2007), modificando a relação espacial e temporal da organização com os eventos e seus espaços de emergência.

### **3.7) Tempo em antecipação - processos temporais se aceleram, típicos de irrupções e descontinuidades nos quais o futuro se torna presente**

Embora estudos mais criteriosos avaliem com cuidado os avanços, rupturas e continuidades que o webjornalismo vem trazendo à atividade jornalística, é possível perceber uma presença de pontos comuns na maior parte destes estudos expressando um otimismo com os ganhos que o jornalismo obtém na Internet: desde a expansão da presença e interação com o leitor, a ampliação do acesso à informação, as novas formas narrativas e de edição, bem como os modos de armazenamento e uso deste conteúdo indicam que, desde o surgimento das primeiras experiências de webjornalismo em 1995, as transformações se precipitam numa velocidade tal que o futuro parece engolir o presente.



Banco de dados e blogs, realidades que apenas estavam sendo visualizadas há cerca de cinco anos, reestruturaram a lógica de produção e disponibilização de conteúdos jornalísticos. O tipo de temporalidade que o webjornalismo gera, neste caso, é um sentido articulado ao senso comum, uma indicação de que o futuro tecnológico se precipita sobre o presente.

### **3.8) Tempo explosivo - o presente e o passado são dissolvidos na criação de um futuro imediatamente transcendente**

Podemos localizar a experiência desta temporalidade em teses que enfatizam a profundidade de dois fenômenos comunicacionais contemporâneos, possibilitados pela digitalização e constituição de redes: o crescimento de uma cultura de participação na mídia e a convergência entre indústrias de mídia, incluindo as jornalísticas. Deuze (2007) considera que estes fenômenos estão redefinindo as práticas profissionais no campo da mídia, incluindo a atividade jornalística, num processo que ele descreve como “...a convergência de culturas de produção e consumo midiático” (2007, p. 243).

A visão mais otimista deste processo considera-o um movimento de transformação radical da mídia, de suas relações com o mercado e com seus públicos. Se a mídia que se está constituindo tenderia a dissolver ou pelo menos enfraquecer fronteiras sócio-culturais das atividades e profissões da mídia - algo ainda não comprovado -, a noção de temporalidade que surge neste processo altera valores e definições temporais no jornalismo, como a idéia de periodicidade. O risco é perderem-se outros valores essenciais ao jornalismo, e a noção temporal de novidade (essencial para a escrita jornalística) deixar de ter, como atributo, a relevância para seleção do conteúdo jornalístico.

## **4) Considerações finais**

O webjornalismo tem sido uma das transformações mais radicais por que o jornalismo tem passado em muitas décadas. E isto afeta as noções tradicionais de atualidade e de temporalidade jornalística. O referencial clássico da periodicidade como constituinte do jornalismo moderno e particularmente a periodicidade diária a partir do século XVIII deram ao jornalismo uma adesão complexa a rotinas temporais de produção e circulação dos produtos jornalísticos.

A abordagem que buscamos fazer neste *paper*, salientando a múltipla temporalidade como uma característica intrínseca ao webjornalismo, teve a intenção de



oferecer aporte teórico para o estudo do fenômeno da temporalidade a partir de uma construção teórica mais complexa, capaz de compreender nuances, diferenciações e, ao mesmo tempo, imbricações e uma nova harmonia que este conteúdo inegavelmente oferece. A construção social de uma temporalidade pelo webjornalismo, por meio da sistematização teórica e tipologia proposta, reforça uma competência deste novo ambiente jornalístico em operar com tempos múltiplos.

## 5) Referências bibliográficas

- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede - A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura (vol. 1)**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- DEUZE, Mark. Convergence culture in the creative industries. **International Journal of Cultural Studies**. Los Angeles. Volume 10(2), 2007, p. 243–263
- \_\_\_\_\_. What is Multimedia Journalism? **Journalism Studies**, Volume 5, Number 2, 2004, pp. 139–152.
- DURKHEIM, Emile. **The elementary forms of the religious life**. New York : Free Press 1965.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.
- FONSECA, Virginia; LINDERMANN, Cristiane. Jornalismo participativo na Internet – Repensando algumas questões técnicas e teóricas. **XVI Encontro da COMPOS**. Curitiba, Universidade Tuiuti do Paraná, 2007.
- FRANCISCATO, Carlos E. A participação dos leitores na construção de experiências temporais no jornalismo *online*. **Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Santos: Intercom, 2007.
- \_\_\_\_\_. **A Fabricação do Presente – Como o Jornalismo Reformulou a Experiência do Tempo nas Sociedades Ocidentais**. São Cristóvão (SE): Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- GURVITCH, Georges. Varieties of Social-Time. In: HASSARD, John (ed.). **The Sociology of Time**. London: The Macmillan Press, 1990, p. 67-76.
- HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna - Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- ISAACSON, Walter. Como salvar os jornais (e o jornalismo). São Paulo: **O Estado de São Paulo**, 15/02/2009.
- KERN, Stephen. **The Culture of Time and Space 1880-1918**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1983.
- NOWOTNY, Helga. Time and Social Theory - Towards a social theory of time. **Time & Society**. Vol. 1, n. 3, 1992, p. 421-454.
- PALACIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória. In: MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (orgs.). **Modelos de Jornalismo Digital**. Salvador: Editora Calandra, 2003.
- SCHUDSON, Michael. **Discovering the news: a social history of American newspapers**. New York: Basic Books, 1978.
- SFEZ, Lucien. A mídia, a democracia e o tempo. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 35, abril de 2008, p. 9 a 16.
- SOROKIN, Pitirim; MERTON, Robert. Social time: a methodological and functional analysis. **The American Journal of Sociology**, Vol. XLII, N. 5, Mar 1937, p. 615-629.
- VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico**. Rio de Janeiro, ed. 34, 1993.
- WHITROW, G. J. **O tempo na História - Concepções do tempo da pré-história aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.